

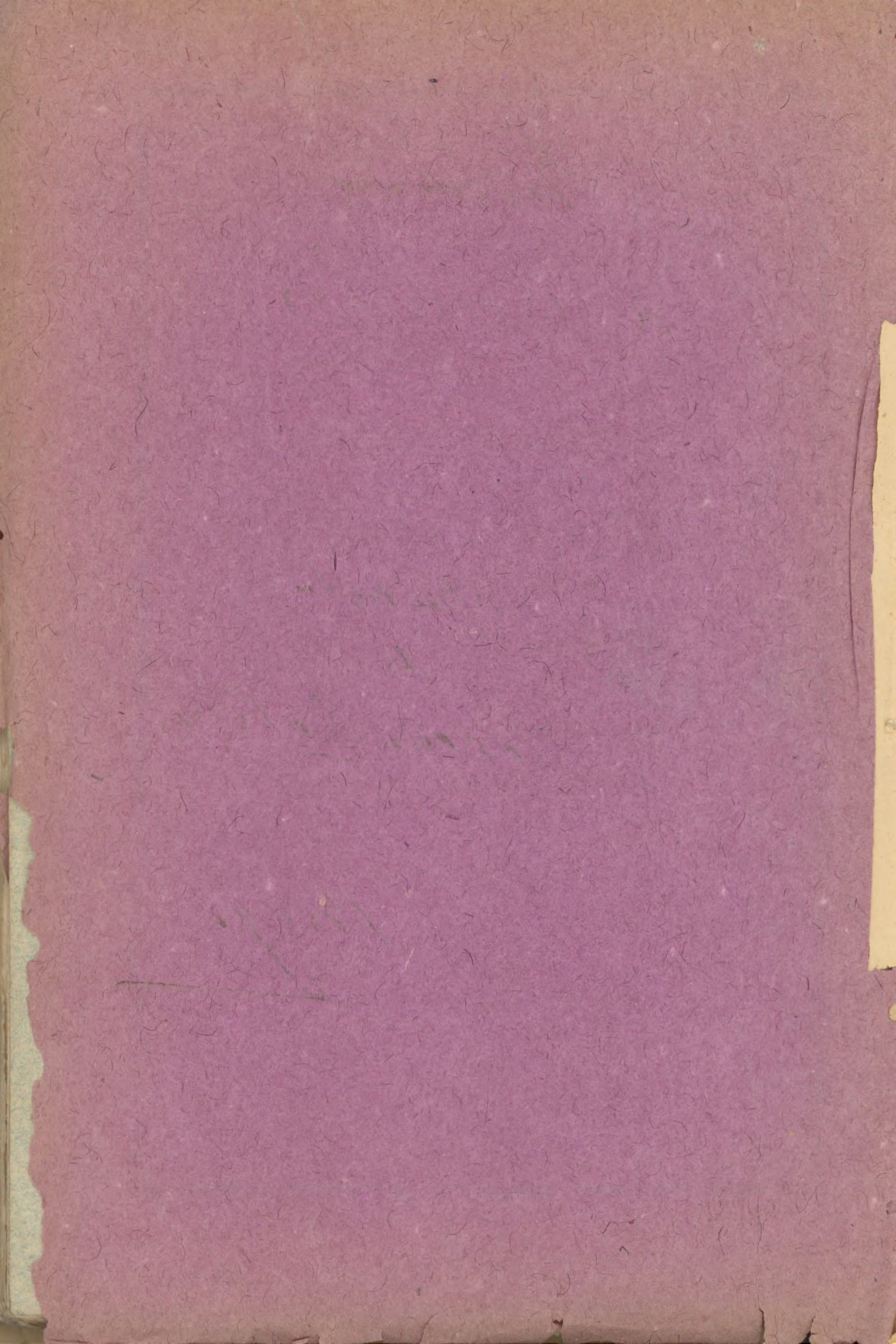
91

2

Incomis
a Comoes

o seu vello
de
Soreira-Laldu,

Braga



ENCOMIO

A

CAMÕES,

N'UMA

POESIA HISPANHOLA

DE

D. JOSÉ LOPEZ DE LA VEGA

EM 1855:

ANTECEDIDO D'UM PREAMBULO

DO

PROFESSOR BRAGARENSE

PEREIRA-CALDAS



BRAGA

TYPOGRAPHIA LEALDADE

1—Rua de Jano—1

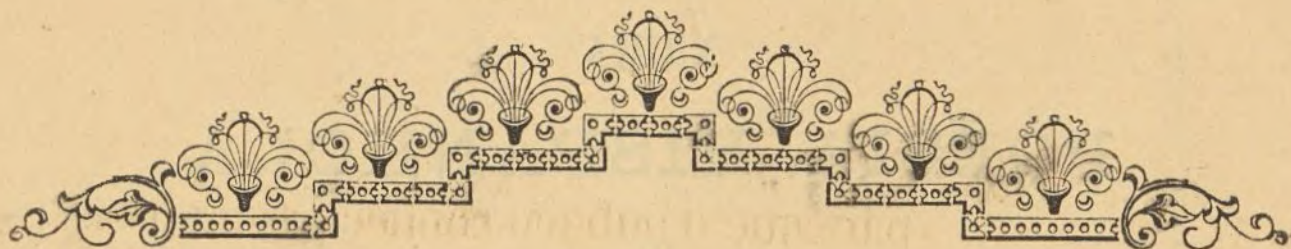
1881



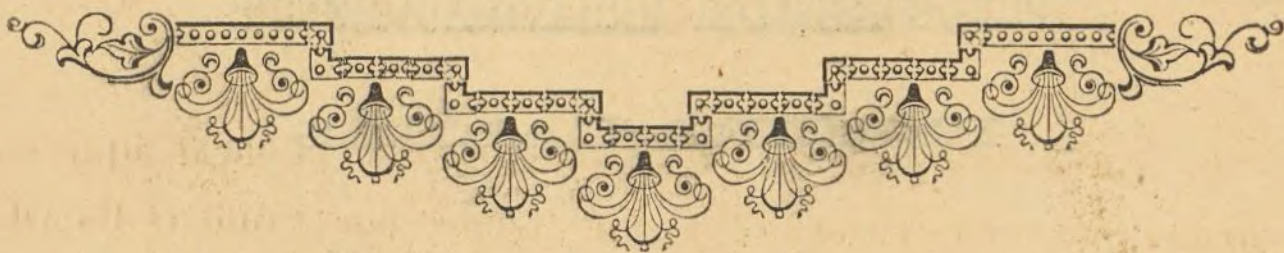
offense.

*As Epico Confesso
Brito Avulha:*

Cam
385 2



É de 150 *exemplares a tiragem* : 50,
em *papel de côr* ; e 100, em *papel selecto*.
Nem *um só exemplar* é posto á venda:— e
serão *numerados e tymbrados* todos.





... «para que o publico conheça os motivos» ...

Padre José Agostinho de Macedo — **O Oriente**,

Tom. I., Disc. Prel., 1814, p. 98.

I.—Em 5 de Junho de 1874, começamos a publicar aqui em *Braga* um semanario, a que demos por titulo *O Brado Liberal*.

* Era «essencialmente» uma *publicação anti-reaccionaria*, mas com *folhetins de variada leitura*—em ordem a *amenisar o contexto* de cada *folha*.

II.—No *folhetim* de 7 de Maio de 1875, demos alli o *Encomio a Camões*, de que fazemos agora uma *tiragem opuscular*.

Tornamol-o assim «mais conhecido», e «mais ao alcance» dos *colleccionistas camonianos*.

III.—Em 1867, alludimos a este Encomio nas *Poesias de Alfredo Campos*, então publicadas com o titulo de *Luz e Sombras*—e adornadas do *retrato do auctor nos exemplares d'offerta*.

Foram impressas aqui tambem, na typographia de *Antonio Bernardino da Silva*, estabelecida então na *rua nova do Sousa*, n.º 53 :—rua aberta na cidade em 1512, pelo primaz *D. Diogo de Sousa*, a quem *Braga* é devedora do que é.

IV.—Acha-se esta *allusão*, no *Juizo Critico das mesmas Poesias*, *escripto por nós em homenagem ao illustre poeta*—que era *nosso discipulo* então, «e um dos mais distinctos da classe».

Era *allusão*, «cahida opportunamente dos *bicos da penna*, e por isso de nós aproveitada».

V.—Em 1871, alludimos «de novo» a este Encomio, nas *Poesias de Domingos Maria Dias Pereira de Freitas*—nosso *discipulo igualmente*, «e um dos mais talentosos do lyceu *bracarense*».

Foram ellas impressas no *Porto*, na *typographia de Manuel José Pereira*—então na *Praça de Sancta Thereza*, «com os numeros policiaes 4 e 6».

VI.—Fizemos esta *allusão* na *Carta-Prefacio* das mesmas *Poesias*, *escripta por nós em homenagem ao poeta-compatricio*, nascido como nós nas *Caldas de Visella*, no concelho de *Guimarães*:—solo uberrimo em *thermas sulphureas*, conhecidas dos *romanos*, e exalçado de panoramas sorridentes.

VII.—Foi alli—«*para engrandecimento do nosso berço*»—que nascêra em 1659, a 16 d'Agosto, um varão de *celebridade extrema*.

Chamava-se *Roque Francisco*; e teve por paes a *Domingos*

Francisco e Isabel Fernandes:—«nomes humilimos em si, mas excelsissimos no seu eternizador».

VIII.—*Era ouvido este prodigio visellense—nas nações extranhas—com summo respeito e veneração, como o primeiro e unico aquilatador do ouro e prata, desde os tempos anteriores até então.*

Era-o como *ensaiador-mór*—nas «casas da moeda» do reino.

IX.—Assim o testifica *Fr. Alberto de S. José Col*, nas Licenças do Sancto Officio, para a impressão da obra *pouco vulgar*, coordenada por este «nosso compatricio».

Deu-lhe por titulo Verdadeiro Resumo do valor do ouro e prata, como vemos das edições de Lisboa em 1694 e 1739—ambas ellas ao presente á mão.

X.—No Diccionario Bibliographico do nosso *Innocencio*, andam ommissas as *qualificações gloriosas*, que eternisam o «renome» do *visellense illustre*.

No Manual Bibliographico de *Ricardo Pinto de Mattos*—«revisto e prefaciado pelo nosso *Camillo Castello Branco*»—anda até ommissa o nome de *Roque Francisco*.

XI.—Foi por estas rasões—«ao vir-nos aos bicos da penna o nome de *Visella*»—que não quizemos deixar «estas especies» no olvido.

Registramol-as por isso com prazer; e com prazer exclamamos com o *Camões* nos *Lusidas*—Cant. VIII. Est. XXXII:

«Ditosa patria, que tal filho teve!»

XII.—Acha-se o Encomio a *Camões*—devido a *D. José Lopez de la Vega*—n'um escripto seu de 1857, composto de artigos litterarios em *prosa e verso*.

Tem por titulo Santa Cristina de Valeije; e foi impresso em 4.º—em *Pontevedra na Gallisa*—na typographia da *Viuva e Filhos de Vereá*.

XIII.—Vem este Encomio, nas «paginas 82 e 83» da Santa Cristina:—e d'alli o transcrevemos para o Brado Liberal, como tambem d'alli para aqui agora.

É só no entanto o Encomio—«e não as especies concomitantes»—o que *tal e qual* se transfunde aqui.

XIV.—Em «carmes entusiastas», decanta a Camões este Encomio—«*divinizando o nosso principe dos poetas peninsulares*».

Com a *divinisação do poeta*, *divinisa* tambem a *patria*, a que o *estro* do Camões *eternisára*.

XV.—Nem é só *Manuel de Faria e Sousa*—ornamento das «margens» do *Visella* no *Entre Douro e Minho*, onde nascêra a 19 de Março de 1590—quem ao Camões *popularisára* este «titulo».

Popularisaram-lh'o sempre os *criticos estrangeiros*—de que não é senão *patrio especimen* o «illustre visellense».

XVI.—Em «prova» do que dizemos, sobra-nos a *auctoridade insuspeita* d'um só *critico estrangeiro*.

É *Frederico Bouterweck*—oriundo de *Oker*, perto de *Goslar* no *Hanover*, e florecente de 1766 a 1828.

XVII.—Eis-aqui *em vulgar* «um testemunho seu», transcripto da *History of Spanish and Portuguese Litterature*—Tom II. pag. 19—*versão n'este momento á mão*:

«O numero *predominante* dos *escriptores poeticos* de *Portugal*

«—comparado com os da Hispanha do seculo XV—
«mostra-nos uma circumstancia especial, digna de ser notada.

«É que o reino de *Portugal* era então—*como em epochas da*
«*maior antiguidade*—mais fecundo que a Hispanha em
«genios poeticos.

XVIII.—Eis-aqui «outro testemunho» ainda, transcripto da
pag. 38:

«No reinado glorioso de *D. Manuel*, nenhum poeta his-
«pano tinha grangeado tanta celebridade, como a do poe-
«ta luso *Bernardim Ribeiro*.

«N'aquella epocha, não podia orgulhar-se a litteratura
«hispanhola, com obra escripta em tam culto estylo.

XIX.—Eis-aqui «outro testemunho» ainda mais, transcripto
da pag. 43:

«Póde considerar-se *Portugal*, como a verdadeira patria
«da poesia romantica pastoril:—poesia, que brilhava
«no entanto em *Italia*—na mesma epocha—onde assumira
«*fórmãs mais cultas*, especialmente depois dos *escriptos* de
«*Sannazaro*.

«Mas propriamente nacional, só o foi em Portugal esta
«especie de poesia.

XX.—Eis-aqui em fim—«como complemento em relação a
nós»—ainda «outro testemunho» mais, enunciado *inicialmente*
em Bouterweck, na pag. 47:

«Sempre os *hispanhoes*—ao que parece—viveram convencidos,
«que nunca poderiam attingir a *ternura romantica* dos *portu-*
«*guezes*.

«Uma *simplicidade e energia natural*, expressão dos *senti-*

«mentos affectuosos—a que a lingua dos portuguezes é especialmente favoravel—em todos os tempos tem sido «uma feição característica da poesia portugueza, desde o seculo XV até os dias d'agora.

XXI.—Sendo estes os *caracteres da poesia patria*—«em plana superior á poesia hispana»; e sendo Camões o *poeta patrio*, a que mais o mundo enaltece *entre nós*; com rasão o aclamam todos—*accordes com Faria e Sousa*—como o principe dos poetas peninsulares.

É uma *illação natural do expendido*—uma *deducção irretorquível*.

XXII.—Não ouçamos no entanto a *Schlegel* sómente—«embo- ra critico supremo da *litteratura alleman*».

Ouçamos ainda a *dois estrangeiros* mais—*em duas especies litterarias*:—e ouçamol-os em suas proprias palavras.

XXIII.—Seja *Nicolau Antonio* o *primeiro*, na *Bibliotheca Hispana Nova*; e *Lourenço Crasso* o *segundo*, na *Historia di Poeti Greci*.

Vedam-nos os *limites d'um preambulo*, o poder alongar-nos a mais.

XXIV.—Comparando o *Nicolau Antonio* ao nosso *Ayres Barbosa* com o seu *Antonio de Nebrissa*—ornamento grego e latino de orgulho hispano; e começando a comparação com o nosso *Barbosa*;—qualifica-os *a ambos*, no Tom I. pag. 170, com estas palavras significativas:

«In poetica facultate, graecanicaque doctrina, Nebrissensi melior.

XXV.—Comparando o *Lourenço Crasso* os *mesmos dois*; e co-

meçando também a comparação com o nosso *Barbosa*; — qualifica-os *a ambos*, na pag. 63, com estas palavras memoráveis :

«Uomo di *molta doctrina*, e di *molte lingue* intendente, e «*poeta insigne*.

«Costui fu il primo, *che portò le lettere greche in* «*Spagna*.

«Era en compagnia di *Antonio Nebricense*; ma con maggior fama, del detto *Nebricense*, della lingua «*greca e poesia*.

XXVI.—O illustrado *Visconde de Juromenha*—acostado ao nosso *Innocencio* no *Diccionario Bibliographico*—dá o nascimento do *Faria e Sousa* a 18 de Março, e não a 19 como nós.

Cumpre no entanto corrigir-lhe o *lapso*, com a *Bibliotheca Lusitana* de *Diogo Barbosa Machado*.

XXVII.—Olvidou-se também o nosso *Visconde*—«exalçador indefesso do nosso epopaico»—do *registro especial* do *Encómio*, que ao *Camões* sagrara *D. José Lopez de la Vega*.

Não se acha no meio dos mais, por S. E. registrados nas *Obras do Camões*, nos Tom. I e V:—e da raridade da *Santa Cristina* entre nós, proveio sem duvida a *ommissão* ao nosso *titular*.

XXVIII.—O «exemplar» da *Santa Cristina*—por nós possuído em «*nossa livraria*»—devemol-o a *mimo affectuoso* do *auctor*, a quem conhecemos — *como poeta entusiasta*— desde 1850.

Achava-se elle então no *Rio de Janeiro*, onde ideára e escreveu um drama—tomado do D. Pedro e D. João de Carva-

jal do nosso *Mendes Leal*:—e com que obtivera alli o diploma de *socio* do Conservatorio Dramatico.

XXIX.—Não proveio tambem—senão da mesma raridade—outra *ommissão de registro*, com o mesmo Encomio a Camões.

Referimos-nos á *Bibliographia Camoniana*—distribuida em *edição luxuosa* pelo *Dr. Theophilo Braga*, com o *Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro*.

XXX.—Em 1858, tivemos *largo convivio epistolar* com *D. José Lopez de la Vega*:—e era elle então o *secretario* do *Porvenir Hispano-Lusitano*—em Vigo na Gallisa.

O *director* d'este decenario—«revista de commercio, industria, vias-ferreas, telegraphos, e litteratura»—era *D. Francisco Tenreiro y Montenegro*.

XXXI.—N'este decenario—*illustrado com xilographias*—dava-nos *especimens* dos *nossos poetas*, «umas vezes por outras», o nosso *dulcissimo amigo*.

No fecho de cada *especimen*, aquilatava-nos cada poeta nosso—*com o seu estro hispano-americano*.

XXXII.—No N.º 2—«20 d'Abril» — dá-nos a *Adormecida de Palmeirim*, com este aquilatamento:

«*Palmeirin*, es el poeta mas popular del vecino reino: es el *Beranger* portugués.

«Su estilo, es correcto; su inspiracion, animada; su vena, inagotable; su ternura, indefinible.

XXXIII.—No N.º 3—30 d'Abril—dá-nos a *Violeta de João de Lemos*, com este aquilatamento:

«*João de Lemos*, es el *Arnao* español; algo dado á imitar

«los poétas alemanes, pero de una inspiracion valiente—de gran-
«des pensamientos:—fecundo como *Zorrilla*, y elegante en la
«dicción como *Martinez de la Rosa*.

«*Portugal*, no tiene un poéta, que cante con tan melancólica
«dulzura.

XXXIV.—N'este mesmo N.º 3, dá-se-nos ainda um *especimen*
do nosso *Castilho*, no Cántico da Manhã.

Em *lineamentos d'aquilatação*—annexos a este *especimen*—
ajunctam-se estas palavras:

«Tendremos ocasion de hablar—como corresponde—acerca de
«este *eminentissimo poéta lusitano*, llamado con razon el *Homero*
«portugués—cuyas obras, por si solas, bastarian para hacer fi-
«gurar à *Portugal*, entre los pueblos *mas literarios* del mundo.

XXXV.—No N.º 6—30 de Maio—dá-se-nos ainda de *Casti-*
lho um novo *especimen*, no Cántico ao Florir das Ar-
vões.

No N.º 10—10 de Julho—detem-se *D. José Lopez de la Vega*
com o nosso *poeta*, dedicando-lhe uma poesia maviosa.

XXXVI.—Tem esta poesia por titulo *El Ciego*—(Ao Ilm.º
Sr. Antonio Feliciano de *Castilho*—*Poéta Egregio de*
Portugal):—e começa com *estas duas estrophes*:

«Cuando la luz de la vida
«alumbraba mi camino;
«y cual planta bendecida,
«vi mi juventud querida,
«halagada del destino;

«No como ahora pasaba
 «del campo sin ver las flores;
 «ni á la vista se ocultaba
 «el astro que las besava,
 «con sus dorados fulgores.

XXXVII.—No N.º 11—20 de Julho—torna-se a fallar de *Castilho*, ao fallar-se especialmente de *Garrett*.

No N.º 12—30 de Julho—torna-se de *Castilho* a fallar ainda, ao fallar-se especialmente de *Mendes Leal*.

XXXVIII.—No N.º 9—30 de Junho—acha-se uma bella poesia, endereçada a *Valença do Minho*, em homenagem a um «ornamento excelso» d'esta villa:—contemporaneo nosso na *universidade* de *Coimbra*, «e alumno alli como nós», nas *faculdades* de *mathematica*, *philosophia*, e *medicina e cirurgia*.

Referimos-nos ao *Dr. José Francisco d'Almeida*, a quem *D. José Lopez de la Vega* endereça tambem o *Encomio* a *Camões*.

XXXIX.—Eis-aqui o comêço d'este *Encomio* a *Valença*:

«¡Salve! Salve! diamante brillantino
 «De orillas de ese Miño celebrado!
 «¡Bello fanal que alumbras el camino,
 «Al misero y sediento peregrino,
 «Que vaga por tus campos estraviado!

«Pareces el lucero de alta zona,
 «Que alegra el corazon con su fulgor;
 «y perla que incrustada en la corona
 «De mágica y lindisima amazona,
 «Aumenta su atractivo seductor.

XL.— Sobram-nos *estas indicações* — «occorridas aqui aos bicos da *penna*» — para dar a conhecer *com exemplos*, como era affecto a Portugal — nos seus escriptos — *D. José Lopez de la Vega*.

Para as alongarmos a mais; excederia-mos os *limites*, a que nos cumpre circumscrever-nos.

XLI.— Não sabemos ao presente, onde viva o *affectuoso amigo* de 1858 — «*agitado sempre n'uma vida aventureosa, na America e na Europa*».

Prediz-nos em tanto o coração — *em maguas de saudade* — que só talvez *alem-tumulto* o acharemos a elle — *redactor illustrado* do *Miño*, anteriormente ao *Porvenir Hispano-Lusitano*.

XLII.— N'esta *hybernação d'affectos mutuos* — «sensibilisada com a *leitura dolorosa* do *Encomio a Camões*» — não nos resta senão exclamar com *Jacopo Ortis*, ao fecharmos *estas linhas pre-ambulares* — olhando para o berço e para a campá:

«*Pentimenti sul passato* — noia del presente — e timore del futuro — *ecco la vita!*»

Braga, 1880.

O PROFESSOR DO LYCEU BRACARENSE

Pereira-Caldas.





TEXTO POETICO



EXEMPLAR

N^o.

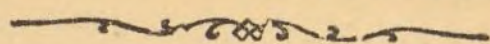
39



UN RECUERDO

Á

CAMOENS



(Al Dr. José Francisco d'Almeida,
de Valenza do Minho)



« Pour juger des poètes, il faut savoir sentir—
« il faut être né avec quelques étincelles du
« feu, qui anime ceux qu'on veut connaître.

= Voltaire =

*Tu pátria de ser célebre dejara,
si t ú no hubieses sido lusitano ;
ni hubiera quien sus glorias recordara,
faltándole tu númen sobrehumano.*

Ni *luz*, ni *heróicos hechos* ornarian
 la *tierra de Herculano* y de *Castillo*;
 y á *tu suelo natal* jamás darian
 tanta *gloria inmortal* y tanto *brillo*.

.....

¡ *Un nombre!*... quién dijera que la *historia*
 de un *pueblo* para siempre *inmortaliza*?
 ¿quién piensa, que de *un hombre* la *memoria*
 de un *pueblo* los *laureles* eterniza?

Sin *Horacio* y *Caton* ¿qué fuera *Roma*?
 ¿qué *Grecia*? — sin *Vergilio* y sin *Homero*?
 — ¡ La *gloria de los pueblos* nunca asoma,
 si el *bardo* en recordarla no es *primero!*...

Si llega á *degradarse* — le *reprende*;
 si *lauros* gana altivo — le *bendice*:
 sus *penas* y *dolores* él comprende;
 sus *horas de baldon* sábio predice.

¡ Misera humanidad!... ¿ de tí que fuera,
qué fuera — si el *poéta* te faltara?
— ¡ Nadie su *abnegacion* jamás tuviera,
ni el *oro* por la *fama* despreciara!...

.....

.....

¡ Pobre Camoens!...; qué instantes de *amargura*,
de *llanto* y de *dolor* habrás sufrido!...
— ¿ Quién, *dime*, mas que Antonio tu *tristura*
amante ha consolado y comprendido?...

¡ Un esclavo! — que el mundo con *desprecio*
miraba, y solo tú su *amigo* fuiste;
de quien has recibido en el *destierro*
el *pan* — si — *negro pan* que allí comiste.

.....

.....

¡ Véndeme el capacete, Antonio amigo,
 que el *resto* es ya — no mas — de mi *fortuna* !
 = ¡ Tened por Dios — señor — que *fé* yo abrigo ;
 y no darán por él *cosa ninguna* !...

¡ Muramos pues !... ¿ qué vale la *existencia*,
 viviéndo entre *hombres pérfidos é impuros* ?...
 = ¡ Señor ! — aun puede haver quien la *clemencia*
 con vos quiera ejercer !... ¡ *tristes apuros* !...

.....

¿ Qué *buscamos* aqui ?... ¿ puede encontrarse
 un *duradero instante* de *placer* ?...
 ¿ puede *feliz* el *hombre* reputarse
 con los *recuerdos* de su *triste ayer* ?...

¿ Qué *buscamos* aqui ?... ¿ no es *nuestra vida*
 una *arista fugaz* que lleva el *viento*
 —trás una otra *ilusion desvanecida*,
 mas *leve* que el *girar* del *pensamiento* ?...

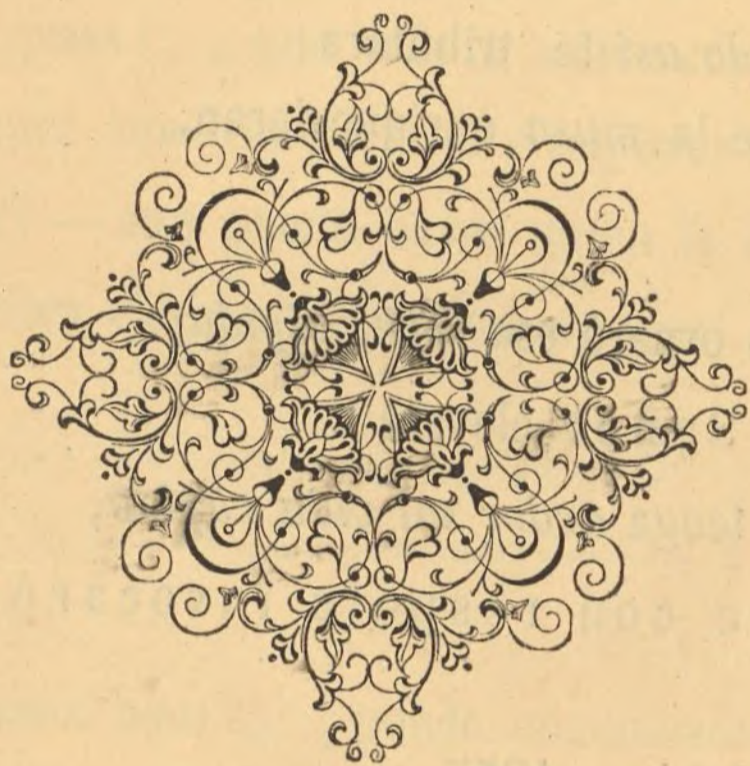
.....
.....
¡Pobre Camoens!—*tu lápida* regara
de *perlas*, si *mis lágrimas* lo fueran;
y entonces *solo así* te tributara
recuerdos que la *musa* enriquecieran.

¡De *flores* yo ornaré esa *triste lápida*;
plegarias al Señor elevaré!...
¡y mientras tenga *ardor mi vida rápida*,
tu nombre con respeto invocaré!...

Tuy — Junio — 1855

Don José Lopez de la Vega.





Cam
385-2



BRACONISMO

DE A. M. S. S.

POESIA

D. JOSE LOPEZ DE...

...

...

...

...

...

...